

NOVEMBRO

Nº
78



○ RISO ○

Preço
\$200



ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO Á VENDA :

Album de Cuspidos, (3ª serie) ..	1\$000
A Família Beltrão.	1\$500
O Chamisco ..	1\$500
Entra, Senhor !.. ..	1\$500
Variações d'Amor. ..	2\$000
Comichões..	2\$000
Horas de Recreio ..	2\$600

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um.	200 réis
Seis..	1\$000 »
Pelo correio. ...	1\$500 »

O CHAMISCO ou **O querido das mulheres**
Preço 1\$500 — pelo correio 2\$000

ESTA' A' VENDA

6 sensacional romance de actualidade

ENTRA, SENHÓR!...

cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000



Semanario artistico e humoristico

NUM. 78

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II

A Policia e "O Riso"

A perseguição gratuita que ultimamente nos tem sido movida pela policia attingiu ao auge, quinta-feira ultima.

Não sabemos a que attribuir semelhante facto, pois que não existe no texto do «O Riso» uma só palavra escabrosa que possa melindrar os brios de quem quer que seja, e muito menos gravura alguma que possa offender a moral. As gravuras de nú que reproduzimos são copias de quadros, estudos e modelos extrahidos de outros jornaes aos quaes a policia jámais pensou perseguir.

Por occasião de uma das apprehensões feitas pelo bacharel Pio Ottoni, encarregado da fiscalisação de jornaes illustrados, procuramos esse cavalheiro em seu escriptorio e pedimos que nos explicasse a razão porque assim procedia.

—E' muito simples, disse-nos o bacharel Ottoni, os senhores fazem uma exhibição porca do seu jornal..

—Como assim?

—Os senhores aggridem a moral alheia expondo o corpo nú de uma mulher.

—Mas o bacharel não ignora que são reproducções de quadros, modelos..

—Comtudo ; a policia tem o direito de prohibir essas exhibições.

—E porque consente na exhibição de uma mulher núa em um palco?

—Fui contra isso ; mas acima de mim ha alguem de mais responsabilidade. Demais, no theatro entra quem quer.

—O mesmo dá-se comnosco. Compra e lê «O Riso» quem quer. Não obrigamos. Uma pergunta, bacharel: e, si em vez d'essas reproducções de quadros, reproduzissemos as estatuas que estão em franca exposição em os nossos jardins e praças, a policia apprehenderia da mesma maneira?

Da mesma maneira.

—E' interessante ! Nesse caso, o ba-

charel devia intimar o Prefeito a retirar-as sob pena de destruil-as.

—E' um caso especial : a policia não pôde agir contra a collectividade.

Rimos gostosamente e mudamos de assumpto receiando disparate maior. Combinamos então darmos outro aspecto ás capas, conservando, porém, o texto da mesma fórma. O bacharel concordou e demos por terminada nossa entrevista.

E assim publicamos quatro numeros consecutivos, sem que a policia nos importunasse. Julgámos ter cabalmente satisfeito a vontade do bacharel Ottoni.

Ao chegarmos, porém, quinta-feira ultima em nosso escriptorio, soubemos por intermedio de nosso visinho, que uma *canôa* policial, composta de um supplente, que é o bacharel Pio, um commissario, quatro guardas civis e dois carregadores, havia nos procurado. Como encontrassem a porta fechada, pois que já eram 5 1/2 horas da tarde, resolveram os policias voltar ao dia seguinte, embora fosse lembrado o arrombamento da porta. E, de facto, eram 9 1/2 horas da manhã quando a *canôa* assomou ao patamar.

Ficamos aterrorisados diante de tamanho apparatus. Dir-se-ia que nosso escriptorio era escondrijo de sclerados ou fabrica de moeda falsa.

Perguntamos ao bacharel Pio o que desejava. Respondeu-nos que vinha da parte do dr. chefe de policia fazer a apprehensão do n. 76 do «O Riso». Já nossa sala estava repleta de policias.

—Porque ? indagamos.

—Os senhores publicaram uma gravura immoral.

—Immoral ! onde ?

E mostrou-nos uma pequenina gravura, sem texto, sem referencia alguma, apenas com um pequeno defeito no cliché que a nossos olhos e aos de toda gente, passou despercebido.

O bacharel Pio procedeu então a uma

O Riso

rigorosa busca em todos os cantos de nosso escriptorio, embora protestassemos, levando em um cesto, á cabeça de um dos carregadores, os seiscentos exemplares do n. 76 do «O Riso», que momentos antes deram entrada como encalhe.

Não obstante a violencia praticada, partiu a *canôa* em direcção á typographia dos Srs. José Lima & C., á rua 1^o de Março n. 139, com o mesmo apparatus, onde procurou invadir, sendo repellida energeticamente, por um dos empregados.

Sem mais comentarios, fazemos scientes nossos leitores da arbitrariedade de que fomos victimas, lavramos nosso protesto e nos prevenimos para de futuro.

A proposito, trancrevemos, com a devida venia, o que disseram a respeito «A Epoca», «Correio da Manhã» e «O Seculo».

Mais uma arbitrariedade

do «seraphico» dr. Pio

O dr. Pio Ottoni, supplente de delegado, é um cavalheiro assás conhecido pelos seus extremados zelos no que diz respeito á moralidade.

E' o mesmo homem que obrigou e padre da centenaria «Morgadinha de Val-Flôr» a apparecer em scena mettido em um profano traje de «paisano».

Agora, porém, que o dr. Tavora, obedecendo aos reclamos da imprensa, tirou-o da fiscalisação dos theatros, o dr. Pio Ottoni voltou os pudicos olhos para alguns jornaes alegres, entre os quaes se encontra «O Riso».

O que este «sotaina» á paisana fez, hontem, na redacção deste jornal illustrado é tudo de quanto maior ha como attentado á propriedade; e só mesmo um obedecado, como o sr. Pio era capaz de promover semelhante brutalidade.

O sr. Pio Ottoni não se limitou a apprehender os exemplares daquelle semanario, inutilisou-os a seu bel prazer: e não contente com isso dirigiu-se á typographia em que «O Riso» foi impresso, onde inutilisou o resto da edição e outros trabalhos que ficaram ao alcance de suas mãos.

Fugimos de tratar da moralidade ou da immoralidade dessa publicação. Temos, no entanto, a dizer que o numero da edição inutilisada que nos chegou ás mãos nada tem que pudesse assim despertar a policia: são copias de quadros expostos em diversos museus europeus. E mesmo quando o tivesse não seria, de certo, o melhor processo a empregar pois

elle traduz mais uma das suas constantes arbitrariedades.

(«A Epoca» de 9 de Novembro de 1912.)

O famoso supplente Pio Ottoni, o severo censor theatral, cujo rigor chegou ao ponto de mandar que um empresario do Recreio supprimissemos da *Morgadinha de Val-Flôr* o classico capellão, o que foi, positivamente, o cumulo do ridiculo, para não citar sinão essa, entre as muitas tolices commettidas pelo beatico policial, volta á baila, envolvido em novos disparates.

Ao Pio foi agora commettida a tarefa de fiscalizar a imprensa illustrada, cohibindo o que, no seu original modo de entender, achar que nella attentada contra os sagrados principios do Evangelho e dos Concilios.

Pondo as suas rijas crenças acima de certas disposições constitucionaes, Pio vai feroz desempenhando a missão sagrada que o não menos seraphico sr. Belisario lhe incumbiu.

Ainda hontem, Pio commetteu novo desatino, investindo, terrivel, contra uma pobre typographia, pela simples razão de ali ter sido impresso um jornalzinho que reproduzia um modelo artistico de ní. Para isso, o supplente organisou uma espalhafatosa *canôa*, que, depois de ter varejado a redacção do periodico, dirigiu para as officinas da firma A. Reis & C., ameaçando-a de empastelamento, caso ainda imprimisse o jornal alvo das iras evangelicas da nossa admiravel policia.

Hão de convir que essa preocupação dos Pios e dos Belisarios de regenerarem os nossos costumes, num momento em que assistimos ao triste espectáculo de ver a cidade entregue aos malfeteiros e aos viciosos, o cidadão sem garantia de vida e de propriedade, o jogo desenvolvendo-se espantosamente, não de convir que num tal momento a preocupação da adoravel policia que nos delicia não é apenas ridicula, é criminosa.

Si o sr. Belisario quer, de facto, moralizar alguma coisa, comece por casa: moralize, por exemplo, a sua policia...

(Correio da Manhã de 8 de Novembro de 1912.)

O sr. Pio Ottoni, o censor theatral que tantos pratinhos bons ofereceu á imprensa, com as suas graciosas decisões, está investido de novas funções: fiscalizar a imprensa illustrada...

Isso nada mais é que a censura prévia, que a Constituição prohibe.

Hontem o interessante policial com espalhafatosa *canôa* invadiu a redacção de um periodico e ameaçou a firma A. Reis & C., de empastelamento, porque praticava o grande peccado de imprimir o jornal.

Não seria melhor que o dr. Belisario Tavora mandasse o galato do Pio fiscalizar as typographias da rua da Lapa?

(Do «O Seculo»

O Riso

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“O RISO”

deverá ser remetida á sua redacção á

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem. 19.000 exemplares.

Numero avulso.. 200 réis

Nos Estados.. 300 réis

Numero atrazado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital. 10\$000

Exterior.. .. 12\$000

Quem é o culpado ?

Convém muito que os maridos avaliem bem a intelligencia de suas esposas, quando falarem a ellas em linguagem figurada.

As mulheres têm uma intelligencia muito terra á terra e tomam tudo ao pé da letra... é um perigo.

Contemos esse caso que é bem expressivo :

Maricota, após um longo namoro de abarracamentos, caminhadas de bonde e o noivado com o indefectível matte, casou-se com o Costa, amanuense dos correios, que logo perdeu o apuro de roupas dos outros tempos.

Maricota, porém, fez-se mais bella e fraca chamma de amor do marido foi acender no seu coração uma fogueira de paixão que ficou durante algum tempo sem emprego.

Por esse tempo, deu em frequentar a casa do Costa, o seu collega Benevente, moço bem apurado em roupas, tal e qual Costa quando solteiro, e, além disto, dado ás Musas, publicando no «O Malho», de quando em quando, um soneto languido.

Havia um que começava assim : *Quanto te vejo divina e bella* - soneto que elle não deixava de recitar em todas as festas onde ia.

Costa, como era de esperar apresentou o amigo á mulher com as maiores recommendações :

—Maricota, é este o meu amigo Benevente. Trata-o como se eu proprio fosse.



Benevente ameu-dou as visitas e em breve começou a fazer a côrte á linda Maricota. Costa, em começo, não deu pela coisa, mas não tardou que lhe chegasse a fatal carta anonyma. Elle a recebeu na repartição e era redigido no estylo habitual das

cartas anonymas.

Costa não se demorou mais na secção e, sem pedir licença ao chefe, poz o chapéo e correu á casa.

Quando viu a mulher, desmanchou-se em pranto convulsivo e, por entre o pranto, foi dizendo :

—Mas, Maricota ! Como é isto ? Você engana-me, e, ainda por cima com o Benevente !

Maricota, quasi sem emoção, respondeu :

—Você não me disse que o tratasse como se fosse você ? Quem é o culpado ?

Xim.

Innocencia



A filha—Mamãe, sou uma desgraçada. Fernando acaba de insultar-me. Nunca pensei.

A mãe—Que foi, minha filha ? Que te disse aquelle mollcrão ?

—Que gostava mais de meu gato que de mim propria...

—



Conto

(Continuação)

Certo dia o doutor Pedro retirou-se da casa de sua amante mais cedo que de costume, dizendo ir fazer uma visita a um dos seus clientes, morador no Rio Vermelho.

Camilla, astuta como uma rapoza, suspeitou da desculpa e preparou-se para segui-lo.

Ella já havia suspeitado alguma coisa entre seu amante e uma rapariga, sua rival.

Assim que elle sahio, Camilla seguiu-o de longe e pilhou o Pedro em flagrante delicto em casa da rapariga, da Maria Frango Tezo.

Camilla não se conformou com o caso e os improperios, insultos, gestos e ameaças encheram o ambiente que os cercava.

Pedro, cobarde, poltrão, procurou o melhor meio de fugir...

Só assim evitava o escandalo que tomava, cada vez mais, proporções gigantescas com o alarma produzido pela voz de Camilla, furiosa e tremula de ciúmes.

Quem presenciasse esse facto, sentiria forçosamente um calefrio e um tremor súbito abalar-lhe os nervos.

Tal era a gritaria infernal que até parecia estar-se encerrado em um dos cubículos do Inferno dantesco...

Pedro, o amante trahidor e perjuro, achou-se devéras em uma situação bem critica. Recuperando a calma, o doutor dirigiu-se a taberna costumeira e lá poudo, não sem grandes preocupações, refrescar o coração com um bem crescido copo de alcool disfarçado...

Receiando um desfecho fatal e luctuoso, pensou, qual seria a resolução melhor do caso. Pensou e, afinal resolveu embarcar, retirar-se de perto da furiosa amante.

Para isso era necessario algum capital, o que infelizmente não possuia.

Resolveu, então, ir a uma casa de penhores onde deixou o relógio por insignificante quantia.

Feito isto, dirigiu-se a uma companhia de navegação e comprou uma passagem de terceira classe para...

Camilla, por sua vez, abatida e acatunhada passou toda a noite a pensar no que havia de fazer e qual a resolução a tomar.

Pensou em ir a policia, mas resolveu esperar o Pedro que até a noite seguinte devia procural-a. Mas assim não succedeu.

Camilla, então, dirigiu-se á taberna da Constancia e procurou informações a respeito de seu amante.

A taberneira respondeu-lhe que o Pedro havia comprado passagem para... e antes de ir para bordo viera despedir-se della, dizendo que ia visitar os seus paes.

Camilla revoltou-se contra a pobre taberneira que nenhuma culpa tinha no caso, e praguejando, dizia que a taberneira bem podia tel-a avisado de que seu amante tinha projectos de embarcar.

O barulho foi tal, a algazarra foi tão grande que a policia compareceu e foi obrigada a intervir.

Apesar da reacção heroica de Camilla e dos seus protestos, viu-se obrigada a ir a presença do delegado, que para maior infelicidade, andava prevenido com a Piabinha, em virtude de algumas palavras proferidas por ella. Em vista das affrontas á policia, feitas por Piabinha, o delegado aproveitando a occasião, autoou-a em flagrante pois tinha sido incurso n'um artigo do codigo penal. Na Detenção Piabinha illudiu a bôa fé de um soldado, pedindo-lhe um canivete para cortar as unhas. Este immediatamente cedeu ao pedido e entregou-lhe o objecto.

Algum tempo depois, gritos estridentes repercutem pelos longos corredores da penitenciaria. Correm os guardas na direcção daquelles gemidos e encontram a infeliz Camilla, banhada em sangue e com um profundo golpe no pescoço. Soccorrida immediatamente pelos medicos e enfermeiros, fôra conduzida á enfermaria, onde poucos momentos teve de vida...

Manéco.

(continua)

Acha-se á venda: ENTRA, SINHOR!...

O sensacional romance de actualidades

Preço: 1\$500 * Pelo correio 2\$000

Pedidos a A. REIS & C.— Rosario, 99

O PISO



Bellezas de hortaliça

Esta secção não tratará de coisas de grammatica. Deixamos tão fastidiosa coisa para os Candidos Lagos, idens de Figueiredo, Osorios e outros cacetes.

A grammatica é uma senhora muito duvidosa e em mulher dessa especie não se bate nem com uma flôr.

Trataremos aqui das tolices apparecidas em publicações de toda a sorte, jornaes, revistas, livros, etc. Será um batatal que, pelo fim do anno, nos dará razoavel lucro vendendo-o aos kilos na venda.

Inauguramos com extractos da secção — «Columna Operaria» — em que pontifica o rabbino operario Mariano Garcia, na «Epocha».

Comecemos pelo seu artigo delle de 5 do corrente. Cá temos esta *bellezinha*:

«A nossa campanha, a nossa agitação em torno dessa idéa, fez suppôr a muita gente que esse congresso não se reuniria, tantos e tão fortes parecerão ser os elementos que o guerreavam.»

Que diabo de coisa é esta, *seu Garcia*? Então foi a sua campanha e a sua agitação em torno da idéa do tal Congresso engrossativo, policial, operario e

bombardeador que fizeram suppôr que elle não se realizasse?

«Nunca vimos dizer que isso de campanha em pról de uma idéa fosse para tal fim, a menos que fosse contra...»

Além do que, temos ainda a perguntar: como é que a agitação de voces podia ter o mesmo effeito que os fortes elementos que guerreavam a idéa?

Explique-se, *seu Garcia*!

Temos mais:

«A quem os politiqueiros sem idéas, em todos os tempos de todos os partidos vivem a enganar em vesperas de eleições, para lhe «cassar os votos».

Seu Garcia, aprenda uma coisa: cassar é uma coisa e caçar é outra. O senhor queria dizer: caçar votos, isto é. apanhar votos e não cassar, isto é, privar de votar.

Póde ser que seja erro de revisão, o que não é muito provavel.

Deixemos o artigo do sr. Garcia e andemos para adiante.

Trata-se de reclamações dos operarios das officinas do Engenho de Dentro e o reclamador diz:

«Somos conhecedores de muitas irregularidades alli commettidas e si justiça não iôr feita a esse empregado antigo, exporemos esse estendal de faltas e abusos de que é victima a Estrada de Ferro e suas dependencias.»

Mas, caro sacerdote da religião operaria, quem é a victima dos abusos? E' a Estrada e suas dependencias ou são os seus operarios?

Diga-nos, por favor!

Temos agora esta de alto cothurno, que vemos com todo o luxo do *couchet* e bellas gravuras no *Boletim da União Pan-Americana*, numero de Setembro de 1912, pag. 144.

Eil-a:

«No Egypto ha leitos de asphalto puro, etc. Não ha noticia da existencia de um só na Africa.»

Dr. Barret, onde fica o Egypto?

Hortelão



ENTRA, SINHÓR !...

Sensacional romance humorístico. Narrativa de episodios interessantes, passados na alcova de uma horizontal.

Bellissimas photographias ornam este hilarian-te romance.

PREÇO 1\$500 — 0 — PELO CORTEJO 2\$000

Pedidos a A. REIS & C. — R. DO ROSARIO, 99

Telep. 3803 — 0 — RIO DE JANEIRO



CRONIQUETA

Faltariamos a um dos mais sagrados deveres si... (a chapa é velha, mas para o fim que é serve perfeitamente)... si neste momento solene, ao iniciarmos esta *Croniqueta*, não deixássemos aqui bem patente a nossa gratidão sincera ao muito digno e *seraphico* bacharel Pio (provavelmente futuro Papa), pela vizita que se dignou fazer-nos quinta-feira ultima, acompanhado de uma luzida guarda de honra.

Pois é verdade, leitores; *s. ex.* quiz dar-nos esse prazer, si bem que, quando ainda não investido das funções de *zelandor da moral s. ex.* nos vizitasse de quando em vez, no tempo em que a redação d'*O Riso* era ainda na rua da Alfandega... Mas, visitando-nos agora, *s. ex.* levou a sua gentileza a ponto de se fazer acompanhar de um carregador, para nos aliviar do encalhe d'*O Riso*, prestando-nos assim um ecelente serviço, que foi o de desentupir o canto em que costumamos deixar o referido encalhe.

E, por esse servicinho, creia *s. ex. piamente*, é que lhe ficamos sumamente gratos...

* * *

Que me diz o leitor ao caso daquela moça que pretendendo casar-se, foi se confessar a um padre qualquer, na Gloria, sendo por ele insinuada a que só se confessasse depois de casada, pois então estaria pronto a ouvil-a?... Já se viu maior safadice?!

Ahi está como a maior parte destes pandegos compreende a *santa missão* de que se dizem incumbidos, praticando *bellezas* dessa ordem e fazendo com que, de dia para dia, á vista deste e de outros casos que as sacristias e os confissionarios provavelmente ocultam... mais cresça o numero de *devotos*, justamente na ordem inversa...

Mas, voltando ao principio: porque teria o *sotaina* se recusado a ouvir a moça em confissão antes do casamento, propondo-se entretanto a ouvil-a depois de casada?... Naturalmente porque de-

pois teria marjem para lhe perguntar alguma semvergonhice, o patife

Ah! Marquez de Pombal, que falta fazes ao mundo principalmente ao Brazil!...

* * *

Essa valente campanha que o joven deputado Mauricio de Lacerda tem feito na Camara, contra a concessão de terras brasileiras a syndicatos estrangeiros, é realmente uma campanha patriótica e digna de todo o aplauzo.

Entretanto, segundo rezam as gazetas, essa atitude sympatica assumida pelo joven deputado na defeza da nação, que «está sendo positivamente vendida», já lhe valeu ser taxado de «saltador de carteiras», a que, dizem ainda as gazetas, o sr. Mauricio retrucou declarando que podia saltar carteiras, mas que não as *batia*...

A quem serviria a carapuça? Ao bispo é que não serviu, com certeza, nem a nós, que, graças a Deus vamos cavando o nosso *arame* fazendo rir os leitores e causando o desespero dos *pios*...

* * *

Foi simplesmente assombrozo o numero de victimas cauzadas por automoveis durante a semana finda!

Até aqui era o «perigo amarelo» (que por signal passou a ser verde) que mais victimas causava; agora, não ha maior perigo além dos autos, cujos *chauffeurs* estão mesmo requerendo uma lição em regra, a ver si assim têm mais cuidado para com os seus semelhantes.

Agora, grande parte da culpa desses desastres cabe ao tribunal que deu mão forte a esses desastrados o que fez com que eles já nem obedeçam á policia nem façam caso dos inspetores de vehiculos, quando estão com o páu em pé, a fazer sinais.

Contra isto, batatas!

* * *

A cronica policial fornece-me tambem dois casos que, si não são engraçados, servem comtudo para encher esta

Acha-se á venda o

ALBUM IV SERIE

PREÇO : 1\$000

PELO CORREIO : 1\$500

Pedidos a A. Reis & C.—Rosario, 99

O Riso

tripa, que é na verdade uma tripa bem respeitavel.

O primeiro deles é o caso daquele ladrão que tem o esquezito nome de Fuão Padrenosso, que, acostumado a rezar, pela cartilha do «venha a nós o vosso arame...» foi tratando de surrupiar os cobres de um camarada, além de um relógio, sendo afinal preso por ter a victima dado o *estrito* no melhor da festa.

Desta vez o Padrenosso perdeu todo o latim e foi rezar na *cela* do distrito policial.

* * *

O outro caso foi a *fita* de suicidio exhibida por um pandego que dá por Ruidoso Magalhães, que pretendeu dar um passeio á cidade dos pés juntos, dando um tiro, imaginem onde — na perna!

Isto é que foi mesmo uma ruidosa fita, sim senhor!

Ainda si o Ruidoso quizesse passar desta para melhor, dando um tiro no toutiço, vá lá; mas na perna? até tem graça e o camarada Ruidoso precisava que lhe dessem uma ruidosa sova, para não fazer uma *fita* assim tão ordinaria.

Ora, o Ruidoso!

Deiró Junior

* * *

—Meu amigo X..., distincto artista.

—Recordo-me de seu nome. E' violinista, não?...

—Absolutamente, minha senhora, sou pintor de annuncios.

* * *

—Prefiro o automovel como meio de conducção. Apesar de ser tirado, ás vezes, por oitenta cavallos, ainda não se deu o facto de espantarem-se.

* * *

—E aquella questão da matriz da Gloria? Querem avançar, hein?

—Querem seguir os principios... *cardeaes*.

* * *

COMICHÕES

E' este o título de um pittoresco livrinho contando coisas do «Arco da Velha» e todo illustrado com soberbas e nitidas gravuras.

PREÇO 3800 (o) PELO CORREIO 13200

Pedidos a A REIS & C.—R. DO R SARIO, 99
Telep. 3803)—(RIO DE JANEIRO

ARTISTA

Que te dedique amor, isso eu confesso,
E confesso que t'acho uma belleza,
Pois tens uma boquinha de princeza
Que p'ra beijar ha mais d'um mez te peço.

Louvo dos olhos teus a boniteza
Feita a carvão de rolha com successo,
E o teu cabelo, que, por um processo
Tinges de preto, á agua Japoneza.

E's uma artista eximia na pintura,
Que praticas com arte e com finura,
De que os traços de fama são prenuncios.

Para a arte tu sentes tanto gosto,
Que ter consegues em teu proprio rosto
Mais pintura que um paredão de annuncios!

Gyl.



Ella — Que vergonha, meu Deus! ser assim photographada neste traje!... Ora, já Bocage dizia que a vergonha está na cara, portanto como não é a cara que elles me photographam... deixal-os.

O Riso

Livre docencia

Carta que uma discipula escreve a sua professora por occasião do encerramento do anno lectivo.

«Minha boa professora

Não çei como lhe agradecer a dedicassão que a senhora, teve por mim, durante o tempo que me ençinou. Papae e mamai estom muito sastifeitos com o meu preparo e achom que só a vós é que eu devo tudo que aprendi. Si todas as professoras, fosse como, vossa senhoria, tivesse a mesma intelligença que vós, o Brazil dentro de poucos anos, não teria mais ninguem inguinorante.

Cada ora do dia, que dá pesso a Deus, que aumente-lhe, os seus dia de vida, afim de vossa senhoria puder iluminar todos estes espirtos que estom merguiado nas trevas da inguinorança.

Terminando essas minhas mal trasadas linha, pesso que me perdoe quarquê erro que poracaso paçou. Abraços muito apertado da sua decipula.

MARIQUINHAS»

* * *

Carta da professora á discipula.

«Minha estimada Mariquinhas.

Com o curaço cheio de alegria li tua cartinha que botou meus olho cheio d'agua. Não fiz mais que comprir com meu dever; voçê é que honra-me com todas estas palavras. Ci não fosse vossa grande intelligença e, a munta vontade de a prender comcerteza eu não teria o prazer de arreceber sua amavil e modesta cartinha. Ci todas as alunas fosse como voçê eu não tinha medo de apresentar meu colegio ao profeçor más ejigente do mundo porque eu sabia que en cada decipula eu tinha uma segunda Minerva da Paixão, de fazer desparar quarquê doutorão.

Te agradesso munto os votos que voçê faiz a Deus pedindo pela minha saude, e pesso tambem a Deus que dê-te muntos annos de vida e a seu pai e a sua boa mã.

Adeus até o cumeço do anno. Quando vieres vens preparada para tomar conta de uma aula, voçê adeser minha adajunta. Um abraço da velha professora e amiga.

MINERVA»

Pó escrito — Sua cartinha tem dois erros mais isto com a continuação de encinar tu a prendes.

Da mesma»

N.º 1 PONTA DE CORTIÇA



N.º 2 PONTA DOURADA

* * Luxuozamente preparados para o Bello Sexo * *



Dou mais valor ao antigo

Não havia uma só tarde em que não se juntasse um bando de rapazes á porta do restaurante «A Cova da Paca», casa de gostosas petisqueiras, conhecida e frequentada por um mundão de gente, que ficava por baixo do predio onde morava a viuva D. Prudencia, em companhia de suas quatro filhas, uns verdadeiros diabinhos que não saham da janella, apreciando o que se passava pela rua. Eram levados da bréca as taes moças.

Uma tarde, alguns rapazes conversavam á porta do referido restaurante, quando d'elle se approximou um moço conhecido do grupo e que perguntou aos seus amigos:

—Então, que novidade temos?

—As mesmas, seu compadre, respondeu um do grupo.

—Pois, olhem, eu tenho novidade fresca—

—Que!? Assim?! Neste caso, desembuche, porque estamos atrasados a respeito de assumpto novo.

—Então não sabem ainda da ultima novidade? E' original! Quando todos já conhecem o facto que veio discriminado em quasi todos o jornaes?!

—Não sabemos, palavra...

—Bem, ouçam lá a coisa:

E o moço que assim fallava e que era aquelle que se approximara, tirou do bolso um retalho de jornal e leu o seguinte:

«Brevemente teremos o prazer de vêr a ultima invenção do grande Edison. E' um aparelho engenhoso, que vae causar assombro ao mundo, pela natureza da sua utilidade humana, não só pelo lado economico, como pelo lado productivo, influindo directamente sobre o Povoamento do Solo. Trata-se, nada mais nada menos, de uma incubadora de creanças, tal qual a «chocadeira». Damos parabens ao extraordinario inventor que, com a sua invenção, vae dar descanso a uma porção de maridos, e folga a um bando de mulheres.

Esse aparelho vem satisfazer completamente o desejo de muitas nações que não possuem população. O nosso patricio Dr. Calmon ex-Ministro da Viação, protector do Povoamento do Solo, deve estar contentissimo com essa assombrosa noticia.

De fonte limpa soubemos que S. Ex. o Sr. Dr. Potoca já fez encommenda de uma dessas machinas, afim de fazer uma experiencia aqui na capital.»

—Ouviram? indagou o moço, assim que acabou de ler a noticia.

—E' assombroso! disse eu.

—Maravilhoso!—disse o outro.

—Estupendo!—disse mais um outro.

Depois que fizeram toda o sorte de commentarios, tratarem, cada um, de seguir o seu destino: uns para casa, outros para os seus empregos.

Pois bem; enquanto a rapasiada contava a sua prosa, sua pilheria, chasqueando o resto da humanidade a respeito da tal invenção, que arrancava, de cada um delles, apreciações as mais humoristicas, as filhas de D. Prudencia estavam na sacada do predio, todas ellas esprimidas na mesma janella, attentas, interessadas, com as respectivas cabeças pendidas para baixo, de ouvido alerta escutando o que os endiabrados rapazes diziam.

Já o grupo tinha dispersado, e ellas continuavam ainda na janella, cochichando umas com as outras, sorrindo e fazendo tregeitos, quando a velha, que vinha do interior da casa, notando aquellas momices das moças, dirigiu-se á janella onde ellas estavam e olhando para a rua e não vendo coisa nenhuma de anormal, indagou:

—De que diabo estão vocês espantadas?

—De nada, mamãe.

—Não... alguma coisa vocês viram. Andem, digam.

A mais velha, então, relatou o que tinham contado os rapazes a respeito da tal incubadora e concluiu dizendo:

—A senhora, não acha que seja uma coisa boa? E' uma invenção sublime!...

—Boa, nada, minha filha. E' uma invenção a tôa que jamais produzirá o effeito desejado.

—Não, mãe, é o progresso que vem fazendo evoluções. Eu sou pelas coisas novas. Essa machina é a perfeição: ella representa o systema mais moderno.

—Pois, olhem, minhas filhas, fiquem vocês com o moderno, eu dou mais valor ao systema antigo...

SEVETSE.



O CHAMISCO

ou
O QUERIDO DAS MULHERES

O nec plus ultra da literatura brejeira. De sopilante historia de um conquistador irresistivel.

Este bello livrinho contem cinco nitidas gravuras.

PREÇO 1\$500—o—PELO CORREIO 2\$000

Pedidos a A. REIS & C. — R. DO ROSARIO, 99

Telep. 3803—o—RIO DE JANEIRO

O PISO

PANTHEON DOS

«IMMORRIVEIS»...



Quando diziamos, ha dias, não haver terra como o Brazil para produzir *puétas*, não nos enganavamos por certo, e a prova da nossa asserção está no numero cada vez maior de candidatos ao nosso «Pantheon», que, felizmente, é bastante grande para os comportar a todos.

Ahi vão mais tres, por hoje, afim de serem devidamente apreciados...

Retrato

Ella possui nos olhos a negrura
Das noites sem luar. Os seus cabellos
De ébano também, aos tornozellos
Quasi lhe vão, das tranças na mistura.

Os dentes seus, de alvinitente alvura,
São quaes fios de perolas, e vel-os
Causa prazer; nem é possível crêl-os
Melhores, n'uma outra creatura.!

Mãos divinaes, mimosas, cujos dedos,
Semelham-se a fragilimos brinquedos,
Tal qual os pés — dos *bibelots* divinos!

Eis o retrato dessa a quem adoro,
E por quem, a sorrir, ás vezes choro
Embora o meu amor descante em hymnos!»

A. ROCHA PINTO.

E' então este o retrato da sua «Ella», hein, *seu* Pinto? Pois olhe, você pôde gabar-se de ser um *borra-botas* de primeirissima ordem, sabe?

Onde foi que você viu *alvinitente alvura*, *seu* palerma? E onde viu você também *cabellos de ébano*, e dedos semelhantes a *fragilimos brinquedos*, *seu* versêjador das duzias? Olhe que você sempre arranjou umas imagens para o seu *soneto*, capazes de espantarem um burro (com sua licença...) e de o fazer sahir numa desparada maluca!...

Ora, *seu* Pinto, vá quebrar... *casca-lhos* e não *pinte* mais retratos dessa ordem, sim?...

Aprecie agora o leitor a *produção* seguinte, cujo autor é também um *vate* respeitavel...

Uma partida

Tem a vizinha um gatinho
Muito mimoso e felpudo,
Ao qual baptizou «Velludo»
Por ser mesmo mui lisinho,

Como é grande a paixão della
Pelo gato, eu quiz um dia
Fazer-lhe uma picardia
Quando o visse na janella.

E assim foi; por uma tarde
Cheguei-me sem mais alarde
Mesmo muito de mansinho

E záz! sem ter mesmo pena,
Sim, sem ter dó da pequena
Metti-lhe o pau no gatinho.»

JOÃO GAMALHÃES.

Francamente, *seu* Gamalhães, você não tinha mesmo mais o que fazer do que *inticar* com o gato da vizinha? Sim, que mal lhe fez o pobre bichano para você metter-lhe o pau assim sem mais aquella? Era bem feito que o gato lhe arranhasse as ventas bem arranhadas, para você não tornar a mexer com elle e também para tirar-lhe a vontade de fazer *bérsos* tão ordinarios, percebeu?

E... vamos pôr o ponto final, por hoje, apresentando ainda um *Immorrivel*, que, como se verá, está pedindo... ora, está pedindo o que o leitor achar mais conveniente...

A' tua altivez

Mulher, meu coração não foi vencido.
O coração de um poeta não se abate:
Calmo resisto ao golpe mais temido,
Enfrentando da sorte o duro embate.

Pois não penses ao vel-o retrahido,
Que o venceste talvez, n'um *xoque-mate*,
Como esses corações que os tens rendido
Que ao teu amor se vença e se resgate.

Não. Ha entre nós um caso superior;
Meu coração, palpita muito altivo
Ama quem sabe amar, quem inspira amor...

Equivale a *dizerte* que assim, vivo
Amando o céu, o bosque, a estrella, a flor,
Que desprezo um simples attractivo.»

FELIX VIANNA.

Sim senhor, *seu* Felix, você sahuiu-nos um *puetastro* valente como as *armas* para colleccionar *asneiras* e pôl-as em verso! Só aquelle *xoque-mate* que você impingiu no 2º verso da 2ª quadra, valé ouro, olá si vale!

Então a *zinha* tem «*rendido* corações», hein, *seu* pandego? Pois olhe, nós sabemos que ha coisas que ficam *rendidas*? mas que sejam corações não nos consta!

Depois disto, *seu* Felix, você deve ver si toma um *choque* mas é electrico, a ver si perde essa mania de rimar tolices. Creia que é um conselho de amigo.

O Riso.

Devia ser ...

O barão de Trembebé era um senhor muito polido e cheio de espirito. Apesar disso e de ser ainda por cima rico, a sua mulher o enganava redondamente.

O barão como homem superior não se agastava e fazia que não sabia.

Não que elle amasse a mulher e não a quizesse perder; não que elle temesse o escandalo e o divorcio com perda de alguns contos. Não era isso.

O barão deixara que a mulher continuasse sob o tecto conjugal, porque elle amava uma casa bem em ordem e, nisso, a baroneza era seu par.

Não havia quem como ella dirigisse um lar; não havia quem como ella guiasse a criadagem.

Criada vadia que lá entrasse e fosse dirigida pela baroneza, tornava-se diligente e cuidadosa.

Ella tinha maneiras, inflexões de voz, caricias, mimos, ralhas com os serviçaes, de modo a fazer dos máos, soffríveis; dos soffríveis, bons; dos bons, optimos; dos optimos, excellentes.



O barão apreciava muito uma casa bem dirigida, em ordem, limpa, e um serviço de meza feito a tempo e a hora.

Era este o motivo, porque elle não se separava da mulher, embora vagamente tivesse noticia dos amores adulterinos da esposa.

Certo dia, porém, as coisas ficaram no vago e elle teve que receber a impressão brutal de um facto

positivo.

Contemos como a coisa foi.

A baroneza tinha, entre a meia duzia de amantes, o joven Nepomuceno como tal.

Esse Nepomuceno não tinha eira nem beira e fazia profissão de conquistador de damas de alta roda.

Era de uma audacia incrível e, num posmeridido, tendo desejo da Baroneza, não tem duvida, bateu para a casa della.

A Baroneza, apesar de amedrontada, recebeu-o e puzeram-se a conversar.

Num dado momento, entrou o Barão. A Baroneza não se atrapalhou e apresentou Nepomuceno como literato ou coisa que o valha. O Barão muito polidamente



saudou-o e citou mesmo alguns titulos de suas obras, após o que retirou-se.

Na hora do jantar, a Baroneza julgou-se no dever de dar mais cabal explicações ao Barão.

— Não sabes, Chico, que coisa interessante estava a dizer-me o Nepomuceno.

O Barão descansou a colher no prato de sopa e acudiu com a maxima naturalidade:

— Devia ser, por força, minha querida mulher, pois percebi que estavas literalmente suspensa nos labios delle.

OLÉ.



— O Jangote é o «leader» da maioria?

— A's vezes.



ALBUM IV SÉRIE

A' VENDA

Detalhada collecção de vistas dos paizes mais adiantados do mundo. Lindas photographias do inferno, tiradas do natural.

PREÇO 1\$000 — o — PELO CORREIO 1\$500

Pedidos a A. REIS & C. — RUA ROSARIO, 99

Telep. 3803 — RIO DE JANEIRO



Premières

O RIO CIVILISA-SE
— revista em 3 actos, 5
quadros e 1 apothéose,
original de Raul Peder-
neiras, musica de Raul
Martins.

Após o incontestavel successo alcançado pela revista «1400», que se traduziu tambem num real successo de bilheteria, fez a incansavel empresa do «Cinema Theatro Rio Branco» exhibir terceira transacta a nova revista *O Rio civilisa-se*, de Raul Pederneiras, o emérito trocadilhista e apreciado escriptor theatral.

O Rio civilisa-se, cujo successo se pôde desde já aquilatar pelo de sua antecessora, é, como não podia deixar de ser, uma revista ligeira, recamada de criticas admiravelmente aproveitadas pelo consagrado autor dos «Berliques e Berloques», e está montada com um luxo digro de nota, tendo merecido por parte de todos os artistas daquelle elegante theatrinho uma representação perfeitamente na altura, o que nos inibe de salientarmos qualquer dos seus interpretes.

Cabem aqui, tambem, ao popularissimo actor Brandão, mercedos encomios pela maneira porque marcou a peça, conseguindo coisas admiraveis naquelle acanhado palco.

A montagem da peça e o respectivo guarda-roupa, como acima ficou dito, excedem á expectativa, o que prova não poupar a empresa William & Comp. esforços de especie alguma para bem servir o publico, que tem sabido corresponder a esse esforço, esgotando diariamente as lotações do «Rio Branco». A musica, de Raul Martins, é boa e esteve ao cuidado do maestro Paulino Sacramento, a cuja direcção está confiada a excellente orchestra daquelle theatro.

A esplendida revista termina com uma apothéose ao reformador da cidade, Dr. Pereira, Passos. Essa apothéose, porém, era feita a outro grande brasileiro, ao Conselheiro Ruy Barboza, que a censura policial entendeu de supprimir para evitar *conflictos*.

Ir ao «Rio Branco» ver a nova revista do Raul, é um dever de todo aquelle que se quer divertir devéras.—**D. J.**

O cachorro phenomeno

Dos casos horripilantes
Que o D. Boato arrebanha
O mais fresco e o mais notavel
E' de certo o da Allemanha.

Appareceu nessa terra,
Segundo afirma o Boato,
Um bicho que muito falla ;
Algum cachorro, algum gato.

Dizem taes coisas do tal,
Que já faz até discurso,
Que de inveja, alguns humanos,
Vestiram pelle de urso.

Muita coisa eu tenho visto
De arripiar o cabelo :
Já vi um boi dançar valsa,
E dizer missa um camello.

Já vi juntas passeando
A ventura mais a magoa.
Presenciei certa vez
Um incendio em caixa d'agua.

Um cego tambem já vi
Contemplando a natureza.
Assisti marchar um coxo
Ao toque da Marselheza

Testemunhei uma noite
Numa roxa serenata
Um surdo e um mudo cantarem
A polka «Vem cá mulata».

Já vi o sol despresado
Pela meiguice da lua
Já vi gente que abre portas
Simplesmente com gazúa.

Tenho visto tanta coisa,
Que não terei mais surpresa :
Vêr a Riqueza chorando,
E alegre rindo a Pobreza.

E agora que esse cachorro
Já não morde mais ninguem,
E' bom que os homens que latem,
Façam como elle tambem.

Nesta pobre humanidade,
Onde domina a desordem,
Se ha um cachorro que falla
Ha muitos homens que mordefm.

Edglobo

VARIAÇÕES D'AMOR

Interessantissimo conjunto de áventuras passadas em familia.

Ornam esse estimulante livrinho, caprichosas gravuras tiradas do natural.

PREÇO £800 JOI PELO CORRIBO 1£200

Pedidos a A. REIS & C.—R. DO ROSARIO, 99

O Riso

As duas

Na sala de espera do dr. Bacuráo, famoso clinico, muito conhecido entre nós, achavam-se, entre outras pessoas, D. Irene, mulher do Capitão Fabricio, e d. Anastacia, esposa do engenheiro Silva.

Ellas não se conheciam, mas como estavam juntas, não puderam resistir á tentação de entabularem uma conversação.

— Que calor, não acha a senhora? disse d. Irene á vizinha.

— E' verdade. Cada vez faz mais calor neste Rio de Janeiro.

— Ainda quando a gente tem toilettes proprios...

— A senhora porque não as compra... São baratas... olhe na...

— Eu sei, mas... Ha coisas...

— Ainda outro dia, comprei esta toilette que a senhora vê...

— A senhora é muito feliz, mas meu marido.

— Que tem o seu marido?

— Não gosto de dizer certas coisas... Roupa suja lava-se em casa. Não acha?

— E', mas a gente tem ás vezes allivio em confessar as suas dores. Eu, por exemplo, soffro muito com o meu marido... E' um avarento... Chi!

— E' o que acontece com o meu. Não me dá coisa alguma, mal me veste. Outro dia quiz ser madrinha de casamento de minha afilhada, foi um trabalho infernal para que elle me desse o vestido. Soffro minha senhora...

Houve uma pequena pausa. Entrou no gabinete do medico um novo cliente e saiu um outro. Na rua, havia a bulha dos bondes, das carroças, o buzinar dos automoveis.

D. Anastacia perguntou:

— Tem muitos filhos, a senhora?

— Dois só.

— Como é feliz.

— Porque?

— Porque? Porque eu não tenho nenhum.

— Queria tel-os?

— Pelo menos um!

— Tambem com maridos avarentos, o melhor é não ter filhos.

— Consola a gente.

— Seu marido é muito avarento, como a senhora já disse; mas não parece.

— Porque?

— Por causa da bella toilette que a senhora têm.

— Quer que eu lhe diga uma cousa?

— Quero.

— Quem me veste é meu amante. Arrange um.

D. Irene ia responder á novel conhecida, quando entrou um senhor na sala.

D. Anastacia virou-se e disse baixinho:

— Lá está o meu amante.

E indicou com os olhos o recém-chegado.

D. Irene exclamou:

— E' meu marido!

Hum.



O gordo — Ha muito tempo que estou apreciando aquelle *flirt* escandaloso entre o Simões e aquella senhora de azul.

O outro — Aquella senhora de azul! aquella senhora de azul... é minha mulher. E' sempre assim com todos. (A' parte) Nem aqui, poupa-me a desgraçada!...

ALBUM III SÉRIE

A mais recommendavel collecção de raridades. Os mais arrojados e os mais violentos golpes de *lucta romana*. Tudo quanto ha de mais instructivo

PREÇO 1\$000 —o— PELO CORREIO 1\$500

Pedidos a A. REIS & C. — R. DO ROSARIO 99

Telep. 3803 —o— RIO DE JANEIRO



A FEITICEIRA

Jamais eu vira assim mulher tão bella.
Nos seus mimosos olhos divinaes
Notei scintillações originaes,
Como se fossem luzes de uma estrella.

E assim tão meiga e tão formosa, ao vel-a,
Descortinei venturas ideaes;
E então, vendido a encantamento taes,
Eu bem quizera nos meus braços tel-a.

Fiquei louco d'amor nesse momento,
Bebendo em seu olhar a doce luz
Que produzia o seu encantamento.

Pedi-lhe um beijo em nome de Jesus,
E ella fugiu, deixando-me em tormento,
A fazer pela bocca immensa cruz.

Florestan.



O agiota se declara:

— Minha querida, juro...
— A quantos por cento?

Reflexão preciosa de uma mulher, no
largo da Lapa, á noite:

— Esse rei dos bulgaros é bem
feliz. Num instante arranja um bandão
de homens. Eu, ha não sei quantos dias,
não arranjo nenhum.



O parto da hypocrisia

*Dedicado ao meigo espirito genuina-
mente religioso do pio bacharel Pio Ottoni.*

Quando a parteira veio, a meiga hypocrisia,
Cujó roliço ventre estava bem crescido,
Pedi-lhe que salvasse o fructo tão querido
Que na pança a mexer, alegre ella sentia.

Foi compungente o parto envolto na agonia;
E após o sacrificio immenso e dolorido,
Ella escutou do filho o estridulo vagido
Que n'alma lhe deixou o mundo de alegria.

Depois de um tratamento um pouco demorado,
A que fora obrigada á força de jalapa,
A hypocrisia, então, pensou no baptisado.

E um dia lá se fô, levando numa capa
Toda bordada a ouro, o filho tão amado
Que recebeu na Pia o nome atroz de — Papa.—

Frei Tomais da Santissima Purificação

DIALOGO ENTRE DOIS PORTUGUEZES CRITERIOSOS

—A tal Republica Portugueza está
ou não está consolidada?!

—Está visto, homem do Deus. Não
estais a vêr?

—E' verdade. Mas, então, porque é
que os Republicanos estão correndo pra
cá pro Brazil?

—E' porque, lá os logares já estão
todos occupados, e assim, se elles ali fi-
cassem, morreriam, certamente, de fome.

—Pois, esses *herões* tinham a obriga-
ção de ficarem *protejendo a sua Republica*.
Não deviam ter vindo, com com todos os
milheiros dos diabos.

—Que se ha de fazer? Emquanto os
monarchistas portuguezes invadem Portu-
gal sob as ordens do Capitão Couceiro,
os taes portuguezes republicanos com-
mandados pela Fome invadem esta bella
terra que os recebe carinhosamente, re-
cebendo delles, em *recompensa* desse ac-
colhimento generoso, os formidaveis coices
de que fazem uzo toda a vêz que se apre-
senta uma oportunidade de agradecerem
uma gentileza qualquer.



Remedio efficaz

(Preservativo contra o ciume)

A uma victima

O ciume que invade os corações, damninho
Microbio do amor, voraz como o cupim,
Nenhum sahiu siquer—lunatico advinho,
Logrou jamais vencer, devéras dar um fim.

E' que a sciencia errando ás vezes o caminho
A folhas tantas perde a luz, geito e latim;
E o mal crescendo, indomito ao carinho,
A torna cupidez transforma n'um *chinfrim*.

Mas, penso, bom leitor que, em lendo me escutais,
A causa descobri da tal enfermidade!..
Por isso eis o remedio esplendido efficaz:

Si acaso ou por missão na vida sois pápá,
Dai sempre com fartura,—em grande quantidade
Aos filhos, por amor, *chá, chá* mas muito *chá!*..

Ruy Barbo

Já está á venda



O CHAMISCO
OU
O querido das mulheres

Preço 1\$500

—:—

Pelo correio 2\$000

O Riso

FILMS... COLORIDOS



Disse-nos a Leonor Buscapé, do Rio Branco, que a sua collega Leontina Carusa foi e ha de ser sempre commum de dois... Quando danseuse praticava para advogada... e agora, já tendo levado o canudo... com o pergaminho, pratica tambem para electricista...

Queira Deus, seu Rosas, que isso não aca be

numa comédia!

—Continua a Trindade Zaz-Traz a exhibir as suas pavorosas «fitas» de valentia, a dizer que faz e que acontece si continuamos a nos metter com ella.

Mas quando foi que nós nos mettemos com você... sua mentirosa?

—Contou-nos o Doniques do «Chantecler» que o aquetor Prata anda durante o espectáculo a rondar constantemente o primeiro camarim.

Porque será?...

—Disse-nos o Cartola haver pago os 30 fachos da multa, mas que os ha de desferrar na viagem, fazendo os descontos a razão de 2\$.

Mas que modesta espinha, seu cartola!

—Aproveitando a «sessão espirita» levada a effeito pelo Armando Estomago de Avestruz, no porão do S. José, quiz o João Galhamães que a costureira da Luiza Caldas se prestasse a receber um... *cspirito* ali mesmo.

Que camarada para não respeitar caras, livra!

—Disse-nos o Natal Kiosqueiro que o censor não podendo mais resistir á separação da Julia Cançonetista, pediu ao Belfort para que intercedesse no negocio, afim de serem feitas as pazes.

E o Natal que o diz é porque é verdade.

—Contou-nos a Palmyra Pilha Electrica, do S. Pedro, que a Rosa Bocca de Sopa já não está tão devota de S. Floriano como de principio.

Agora ella divide as suas orações por outro santo, deixando o *identificador* a chuchar no dedo...

—Garantiu-nos o Franklin que o viuvinho Tobias taes coisas fez que arranjou

um *esfriamento* dos diabos... e agora precisa entrar em uso do *Mucusan* para abortal-o...

Mas que indiscreção, seu Franklin!

—Disseram-nos que o Doniques, do «Chantecler», anda de pé atraz com o Santos do mesmo theatro.

E' preciso que o Leitão nos conte esse negocio por meudo...

—Fomos informados de que a Angelina 606, do S. José, está só á espera que a Trindade Zaz-Traz se faça de bonita, para lhe mostrar com quando paus se faz uma canôa...

Nesse caso, vamos ter *tourada* brevemente.

—Não se esqueçam os leitores que a festa do ponto Pires, do S. José, tem logar na proxima quarta-feira, dia 20, naquelle theatro, e promete ser um festão.

Além disso, o Pires é um bello camarada e precisa ser ajudado, porque anda *tinindo* a valer.

Operador.



—O Mibielli não é brasileiro nato. E' *innato*.

—?...

—Sim, homem! E' naturalizado.

* *

1913

Recebemos dos Srs. Viuva Silveira & Filho, proprietarios do excellente depurativo do sangue, «Elixir de Nogueira», duas folhinhas para o proximo anno.

Agradecidos pela gentileza.

* *

Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

41, RUA SILVA JARDIM, 41

Telephone Central 2218

OOOOO RIO DE JANEIRO OOOOO

O PISO

BASTIDORES



Aquella carta dirigida á sra. Abigail, em que se lhe dizia nada ter a empresa com questões particulares, e em que tambem se lhe exigia o comparecimento aos ensaios, foi agua posta na fervura... e fez completa luz sobre a questão dos dois maestros. Mas... quem fez afinal a peor figura?

—Já só faltam 4 dias para estourar a grande companhia da «Rua dos Condes»...

Em compensação vae augmentar a companhia do *Desvio*...

—Afinal, o Candinho sempre conseguiu cantar *victoria*...

Que predilecção tem a menina pelos *linguados*!...

—Disseram-nos que a Marietta do Pavilhão tomou tamanho *pileque* no tal *pic-nic*, que lhe deu para exhibir o *cachorro* a toda a gente...

Que respeitavel mona não seria!

—Tambem foi muito *engraçada* aquella *fit* do Leonardo Fiteiro, quebrando tudo que havia no camarim, por ter ido para a «tabella» pelo facto de arrancar em scena o cavaignac do Ferreira d'Almeida.

No Hospital de doidos ha-os com mais juizo!...

Disse-nos a Guilhermina Japoneza que o Passos Gramphonico fugiu com o *pescoço* á seringa, ao ser desafiado para um duello, pelo Charronzinho.

Nada! a respeito de duellos diz o Passos que só os de lingua...

—Ao que nos disse a Maria das Neves, parece que a Assumpção está disposta a evitar que o Rochinha se *suicide*...

—Afinal, o *tinor* Salles Ribeiro não conseguiu, apesar de toda a sua labia, fazer com que a viuva cahisse com os cobres que o pandego queria, para organizar uma empresa.

Não bastariam já os 15 contos gastos pelo *metro* no seu passeio a Lisboa?...

—E' na proxima quarta-feira, 20 do corrente, que o ponto Alvaro Pires realiza a sua festa no S. José, com um bello espectáculo.

Dada a estima em que o Pires é tido, é de esperar que no S. José não fique um só logar vasio nessa noite, o que de coração lhe desejamos.

—Disseram-nos que uma destas noites ninguem podia estar ao pé da pia existente na caixa do S. Pedro, tal o cheiro a *patchulé* que dali se desprendia...

Verificadas as coisas, soube-se que a corista Adelia Bocca de Arraia lá estivera a lavar os pés, momentos antes...

—Dos distinctos artistas portuguezes Romualdo de Figueiredo e Julia Moniz, que pela primeira vez visitam o Brazil, recebemos gentis bilhetes de cumprimentos.

Muito gratos e... ás ordens.

—Sabemos que o Leornado Fiteiro já tem nova collocação: vae para o Ministerio da Agricultura.

Irá elle plantar batatas?...

—Até parece que a discipula Dolores Pinto, do S. Pedro, andou ás voltas com algum cão damnado, taes são as mordidas que apresenta nos braços...

Seria mesmo um cão ou um *chauffeur*?...

—Diz a Judith Amor Sem Pescoço, que a sua collega Marietta é muito boa «onze letras»... mas faz questão de levar 50\$ em cada arranjo...

Irra! que tia careira!

—Pelo que nos disse o Lino dos «Typos», o seu collega Monteiro, do S. Pedro, está tambem precisando fazer uso do *Mucusan*, para curar um *esfriamento*...

Este Lino sempre descobre coisas...

—O que iria fazer um dia destes á casa da Dolores o *ponto* do Pavilhão, que lá esteve das 11 ás 2 da tarde?

Saberá disto a V. Santos?

—Consta que vae ser oferecida uma *gilette* á corista Ermelinda, do S. Pedro, afim de que ella ponha abaixo aquelle bigode...

—Diz o Alberto Ferreira que a Celestina quer firmar novo *contracto* com o seu Gouveia...

E' tratar de se aviar, antes que seja fechado o *contracto* em via de ser firmado com a Zazá...

Formigão.



Au Bijou de la Mode — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhoras e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.



SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO VI

Sem duvida a minha generosidade devia ser aborrecidissima; não se pôde ser bom, meigo, amavel a tal ponto.

Decerto que ella acreditava que me causava medo; eu não havia procedido como um homem visto que não castigara a affronta!

Voltei ao hote' Marcella achava-se ainda no seu quarto. Acolheu-me com uma gargalhada.

Ainda por cá! Julgava que se tinha despedido e que nunca mais o tornaria a ver...

—Sim, sou eu. Subi ao seu quarto para ver se realmente enlouqueceu.

—E' tolo ou impertinente? Porque me a brazeganal-o com um rapagão forte e robusto que me apetece, julga-me doida. Desengane-e, meu caro, estou em meu perfei o juizo. Pode partir descansado.

—Pois não partirei. Fico

—Ah! tem pouca coherencia nas sua idé:s.

—Assim me agrada.

—Tanto peor para si, acabou de prevenir o meu amante da noite passada para me esperar e vou ter com elle.

—Pois que espere, não irá:s.

—Não irei?

—Não

E' o que vaes vêr Ponho o meu chapéo e em poucos minutos estou junto d'elle.

—Veremos.

Collocou sobre os magnificos cabellos um chapéo grande, muito simples, sem se apressar, mirou-se ao espelho com a alegria que lhe causava ver-se tão formosa, levou a garridice a ponto de sombrear um pouco os olhos. passou pelos labios o cosmetico vermelho e alisou ainda os cabellos rebeldes.

Sem me dar a minima attenção, pegou num lenço, as luvas, olhou uma vez ainda em volta de si, como para ver se

lhe esquecia alguma coisa e dirigiu-se para a porta.

Achava-me ahi.

—Não sairás!—disse eu.

—Pobre pequeno! retrucou n'um tom de verdadeiro desprezo.

—Acercou-se mais da porta.

—Marcella, peço-te, não saias, não vás ter com esse homem, causas-me enorme pezar, és muito cruel, abusas da minha bondade, do meu amor!

—E'-me indiferente!

Ainda não havia terminado a ultima syllaba, e já eu lhe dera uma tremenda bofetada, dizendo-lhe com toda a minha energia:

—Não has de sahir!

Estava perfeitamente tranquillo.

Marcella, estupefacta, afastou-se para a outra extremidade do quarto, sem soltar um grito, medrosa como uma creança que se assusta.

Senti que precisava concluir o que tivera a coragem de encetar.

—Minha querida Marcella, esta existencia não pôde durar muito tempo. Não obstante tudo que me tens feito offerer, amo-te; apesar da tua comedia, amas-me ainda. Uma mulher que procedeu com o amante como ousaste fazer, merece que lhe batam. Em vez de me queixar, de hoje em diante bater-te-hei. Estás prevenida, agora faze o que quizeres.

Marcella conservava-se a um canto, momivel, aterrorisada. Approximei-me.

—Façamos as pazes, queres? Velarei sobre a nossa felicidade.

Beijei-a sem que ella se oppuzesse. Começou a chorar.

—Magoaste-me, disse entre soluços. Fizeste-me mal.

(Continúa.)

BROMIL



A SAÚDE DA MULHER



O Bromil

é o grande remédio para as molestias do peito, MAIS DE 400 MEDICOS atestam a sua prodigiosa efficacia nas bronchites, na roquidão, coqueluche, asthma e tosse.

O Bromil é o melhor calmante expectorante

A Saúde da zzz Mulher zzz

é o regulador do utero: facillita as regras, atenúa as colicas, combate as hemorragias, allivia as dôres rheumaticas e os incommodos da edade critica.